

Vozes da Educação: Uma Pesquisa sobre Programas de Áudio entre Jovens¹

Ana BAUMWORCEL²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Este texto sistematiza os dados coletados pelo projeto Vozes da educação, pesquisa qualitativa empírica de recepção que investiga a função da mídia sonora na formação de jovens. A coleta foi feita entre 2015 e 2017 pelo Grupo de pesquisa mídia sonora e juventude (GRUJUV), com metodologia mista - questionário socioeconômico, entrevista semiestruturada e grupos focais. Qual o impacto que programas de áudio, produzidos pelos alunos de graduação da UFF numa perspectiva contra-hegemônica em relação ao que é veiculado na mídia e até em alguns livros didáticos, poderiam produzir para o processo de formação de jovens? O *corpus* para análise foi constituído a partir da escuta de alunos do ensino médio público de Niterói, Rio de Janeiro. De início, se traçou o perfil dos jovens e se procurou saber se ainda há espaço para a mídia sonora entre eles.

Palavras-chave: mídia sonora; educação; juventude.

Introdução

“Eu não mato aula, a escola é que me mata”.
(aluno da Orquestra de Cordas da Grota).

O depoimento inquietante, transcrito acima, de um jovem da Orquestra de Cordas da Grota³, em Niterói, Rio de Janeiro, para justificar o abandono da escola de ensino médio foi um fator de motivação para a realização do projeto Vozes da educação. Ao perceber que pela música esse jovem e outros da favela da Grota do Surucucu voltaram para a escola que haviam abandonado, a questão da sonoridade na vida dos jovens chamou a atenção. Paralelamente, era preciso trazer um novo sentido para as aulas dos estudantes da disciplina de Rádio educativo do curso de Comunicação da UFF⁴. E a proposta de produzir programas de áudio para alunos do ensino médio público de Niterói acabou sendo o estímulo que mudou a qualidade do ensino-aprendizagem dos estudantes de graduação. Mas qual seria a utilidade desse material sonoro para o ensino médio público? Quais os sentidos possíveis produzidos na apropriação da mensagem?

Foi nesse contexto que o projeto Vozes da educação foi criado, enquanto uma pesquisa empírica aplicada que investiga a função da mídia sonora na formação de jovens, com

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora aposentada e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: anabaumw@yahoo.com.br.

³ A Orquestra de cordas da Grota é um projeto social de inclusão de jovens da favela da Grota do Surucucu, em Niterói, a partir de aulas de flauta, violino, canto e piano no espaço cultural da comunidade. Essa orquestra já fez apresentações fora do Brasil e tem revelado jovens talentos.

⁴ Além dos alunos de comunicação, a disciplina de Rádio Educativo atende aos estudantes de pedagogia da UFF.

recorte na averiguação do impacto de programas de áudio educativo junto aos alunos do ensino médio público de Niterói. Na primeira etapa (2015-2016), a pesquisa de recepção foi destinada aos alunos do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF)⁵ e na etapa seguinte, 2016-2017, aos alunos que fazem a rádio do Colégio Estadual Aurelino Leal (CEAL)⁶. A ideia era investigar se jovens protagonistas no fazer radiofônico teriam um entendimento diferenciado em relação aos alunos do COLUNI.

A metodologia foi mista, com coleta de dados a partir de questionário socioeconômico, entrevista semiestruturada⁷, Grupos focais⁸, além de debate com especialistas. A expectativa era de que a metodologia contribuísse para identificar percepções e interpretações sobre o material sonoro apresentado e revelasse pistas que contribuíssem para a compreensão da função da mídia sonora na formação de sujeitos jovens.

O trabalho de campo foi feito, entre 2015 e 2017, pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Mídia Sonora e Juventude (GRUJUV)⁹ e se dividiu em quatro momentos. O primeiro, para conhecer os jovens, sujeitos da pesquisa, e escolher uma amostra significativa da heterogeneidade de perfis identitários e sociais de alunos do ensino médio público de Niterói. O segundo, buscou a mediação do próprio espaço escolar, a partir do contato com alguns professores e a direção dos dois colégios e do Grupo focal com eles. O terceiro, para identificar a apropriação individual da mensagem sonora pelo jovem, através de outro questionário respondido por escrito pelos alunos, após a audição de três programas de áudio. O quarto, para conhecer a apropriação da mensagem a partir da relação de diálogo com o outro, no Grupo focal formado por esses mesmos alunos, após a escuta dos programas.

Além da pesquisa de recepção do material sonoro, o GRUJUV organizou eventos denominados de Exercícios dialógicos com especialistas em diferentes áreas para debater

⁵ O COLUNI foi criado a partir de um convênio da universidade com o governo do estado do Rio de Janeiro e se insere na política das universidades públicas federais, enquanto colégio de aplicação.

⁶ O CEAL faz parte da rede de educação pública do Estado. O CEAL e o COLUNI, se comparados com outros colégios públicos, têm boas instalações, com auditório multimídia, refeitório, sala de professores. No COLUNI, há mais professores com pós-graduação, mas no CEAL também podem ser encontrados alguns. São colégios públicos de referência em Niterói.

⁷ Duarte (2005) explica que a técnica busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte. O modelo de entrevista semiestruturada, além de aprofundar assuntos específicos, contribui para identificar pontos comuns de vivência dos entrevistados, a partir de um guia com perguntas, mas a conversa não se restringe a elas.

⁸ Costa (2005) esclarece que o Grupo focal é uma ferramenta de pesquisa qualitativa que ajuda a identificar as percepções de pessoas, para que se possa compreender suas experiências e crenças.

⁹ Entre os que integraram o GRUJUV, destacam-se os bolsistas de iniciação científica: João Pedro Soares Pereira (PIBIC-UFF-2015-2016), Luana Marfim Gilaberte Bezerra (FAPERJ-2015-2016 e PIBIC-CNPq-UFF-2016-2017), Maria Clara de Aquino Vieira (PIBIC-UFF-2015-2016), Luisa Ribeiro Vercosa (PIBIC-CNPq-UFF-2016-2017), Amanda Oliveira de Almeida (PIBINOVA-UFF- 2015-2016), Juliana Pimenta (PIBINOVA-UFF-2016-2017); entre outros que participaram como pesquisadores voluntários, sem bolsa.

e qualificar a equipe de investigação da UFF. Em 25/01/2016, a pesquisadora em Educação da UNIRIO, Eliane Ribeiro Andrade conversou com o grupo sobre o perfil da juventude brasileira; em 29/02/2016, a jornalista Jaqueline Deister falou sobre o rádio para jovens, a partir de sua experiência no programa ZOASOM, veiculado na época nas rádios Roquette-Pinto (FM) e MEC (AM). Em 22/05/2017, Denise Viola, coordenadora, no Brasil, da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC) contou como era o trabalho com essas emissoras e, em 29/05/2017, Jaqueline Deister voltou ao estúdio da UFF com Dillyane Justini, ambas da Agência Radiofônica Pulsar, para compartilharem o desafio da produção de material sonoro para comunidades.

Na disciplina de Rádio educativo da UFF, foram criados, durante dois anos, 40 programas curtos de áudio para diferentes séries, como Vozes da África, Vozes da história, Vozes da saúde, Vozes da ciência, Vozes da literatura, Vozes da tecnologia, Vozes da cidadania. Mas, para a pesquisa de recepção, optou-se pela utilização de apenas três programas de áudio das séries Vozes da História (Descobrimento do Brasil e Nazismo) e Vozes da África (São Tomé e Príncipe) por serem considerados os que melhor poderiam contribuir para a proposta da pesquisa. Produzidos, em caráter experimental, com uma perspectiva contra-hegemônica, no sentido de desconstruir o senso comum (GRAMSCI, 2001) e estimular o senso crítico e o diálogo sobre os temas abordados, esses programas trazem opiniões diversificadas para dar visibilidade aos fatos, versões e protagonistas silenciados na mídia hegemônica e, as vezes, até nos livros didáticos. Seu conteúdo é diferenciado, mas não é uma aula pelo rádio.

Para a pesquisa qualitativa empírica de recepção da sonoridade entre jovens, a investigação se apoiou nos referenciais teóricos de Martín-Barbero, que vincula o processo de produção de sentido ao contexto cultural¹⁰ e de Hall¹¹. As ideias de Kaplún (1978,2017, p.25) sobre educação radiofônica, como aquela que busca a transmissão de valores, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade de forma que se estimule “a reflexão e converta cada homem em agente ativo da transformação do seu meio natural, econômico e social”, instigou a equipe. Também nortearam a pesquisa, o conceito de hegemonia de Gramsci, a proposta dialógica de Freire e a pedagogia histórico crítica de Saviani.

¹⁰ Martín-Barbero (2000, p.155) defende que muito do que escutamos, nossos gostos, nossa concepção do mundo têm a ver com a classe, a idade, a escola, a família, a religião, entre outras mediações.

¹¹ Hall (1997) estudou a centralidade da mídia na vida dos indivíduos.

A educação

Para interagir com o aluno do ensino médio público de Niterói, sujeito da pesquisa, buscou-se entender o tipo de educação de cada colégio selecionado, tendo como referência o trabalho de Saviani (2012). Ao refletir sobre as teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina¹², Saviani denuncia as formas disfarçadas de discriminação educacional e defende uma teoria crítica (não reprodutivista), a partir do ponto de vista dos interesses dos dominados, que define como pedagogia histórico crítica.

O pesquisador classifica as teorias da educação em dois grupos: “teorias não críticas”¹³ e “teorias crítico-reprodutivistas”¹⁴. Entre as “teorias não críticas”, enumera: a pedagogia tradicional, cujo papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade, por considerar que o marginalizado é ignorante e o objetivo é aprender com a centralidade do processo no professor; a pedagogia nova, em que o marginalizado já não é o ignorante, mas o rejeitado, que propõe um tratamento diferencial, a partir das descobertas das diferenças individuais, com a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando o sentimento de aceitação e com o objetivo de “aprender a aprender”, a partir da centralidade do processo se deslocando para o aluno¹⁵.

A pedagogia tecnicista também se inclui entre essas teorias em função de seu pressuposto de neutralidade científica e dos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, cujo o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária. O marginalizado não é mais o ignorante, nem o rejeitado, mas o incompetente, o improdutivo. O objetivo é “aprender a fazer” e ser treinado para múltiplas tarefas.

¹² Saviani trabalha com a categoria de marginalizados da educação, que são os excluídos do processo de ensino. Destaca os alunos que abandonam a escola na maioria dos países da América Latina em condições de semianalfabetismo e as crianças e jovens que sequer têm acesso à escola. Em seu ponto de vista, este é um problema central para a educação.

¹³ As “teorias não críticas” são aquelas em que a educação é considerada um instrumento de correção da marginalidade, designada como um desvio. Nesse grupo, a educação é concebida com uma ampla margem de autonomia em face da sociedade.

¹⁴ As “teorias crítico-reprodutivistas” identificam a sociedade pela divisão de classes e entendem a marginalidade como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade. Nessa teoria, a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, reforçando e legitimando a dominação.

¹⁵ Saviani (2012, p. 10) critica a Escola Nova por seus custos elevados e pela despreocupação com a transmissão de conhecimentos. E embora ressalte avanços nesse tipo de pedagogia, considera que “acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares [...] e aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites”.

Entre as “teorias crítico-reprodutivistas”, Saviani inclui a teoria do sistema de ensino como violência simbólica, defendida por Bourdieu e Passeron (1975)¹⁶; a teoria da escola como aparelho ideológico de estado, de Althusser (s.d.)¹⁷ e a teoria da escola dualista, elaborada por Baudelot e Establet (1971)¹⁸. Saviani (2012, p.28) destaca que, nessas teorias, a classe dominante exerce um poder tão absoluto que a reação da classe dominada parece ser inviável, o que torna “remota a possibilidade de articular os sistemas de ensino com os esforços de superação do problema da marginalidade”. O pesquisador propõe uma “teoria crítica” da educação, que supere o poder ilusório das “teorias não críticas”, assim como a impotência das “teorias crítico-reprodutivistas” e cria, na década de 1980, a pedagogia histórico crítica.

Ao levar em consideração que a escola sofre a determinação do conflito de interesses que caracterizam a sociedade capitalista, questiona como articular a escola com os interesses dos dominados e, para isso, como torna-la um instrumento capaz de contribuir para a superação do problema da marginalidade. Sugere, então, que se busque captar a natureza específica da educação, compreendendo as complexas mediações pelas quais se dá sua inserção contraditória na sociedade capitalista, superando a crença tanto na autonomia, quanto na dependência absoluta da educação em relação às condições sociais vigentes. Lembra que a questão escolar na sociedade capitalista é objeto de disputa.

Saviani considera que para a valorização da escola é necessário incorporar as contribuições dos métodos tradicionais e novos, estimulando a iniciativa dos alunos, sem abrir mão da atividade do professor, incentivando o diálogo entre alunos e professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente, entre outras. A partir da reflexão de Saviani, questiona-se que formato e que conteúdo deveriam ter os programas de áudio para que fizessem algum sentido para os jovens do ensino médio público de Niterói. A ideia era se distinguir da pedagogia tecnicista, que valoriza mais o meio do que os alunos e os professores. E esse era o desafio. Ainda sob a inspiração de

¹⁶ Essa teoria explicita a ação pedagógica como imposição arbitrária da cultura das classes dominantes, como trabalho de inculcação para produzir um *habitus*, enquanto interiorização desses princípios, e defende que a função da educação é a reprodução das desigualdades sociais, contribuindo para reforçar a marginalidade.

¹⁷ Althusser considera a escola como o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção de tipo capitalista, com a inculcação de saberes práticos envolvidos na ideologia dominante para perpetuar interesses da burguesia

¹⁸ A teoria da escola dualista defende que a escola, apesar da aparência unificadora, é dividida em duas grandes redes, que correspondem à divisão da sociedade em duas classes: a burguesia e o proletariado, e que tem a função de formar a força de trabalho e inculcar a ideologia burguesa.

Saviani, identificou-se, durante o processo de pesquisa, traços das diferentes teorias da educação nos dois colégios públicos de Niterói.

A formação de cada professor do ensino médio aparentava fazer a diferença. E, por isso, para conhecer mais os professores e saber se o material sonoro seria acolhido por eles em sala de aula, foi organizado o Grupo de foco com parte do corpo docente, além do Grupo de foco com os alunos. Buscou-se a avaliação, aos olhos de quem tem proximidade com os discentes do ensino médio, dos programas de áudio feitos pelos alunos de graduação da UFF. Definido o *lócus*, foi-se em busca dos sujeitos da pesquisa.

Os jovens, sujeitos da pesquisa

Para identificar e se aproximar dos jovens, sujeitos da pesquisa, foram aplicados os questionários socioeconômicos aos 21 alunos presentes numa turma do 1º ano do ensino médio do COLUNI, em 14/12/2015, e, em 17/10/2016, aos seis que fazem a rádio do CEAL. É importante ressaltar que o intuito desta pesquisa é apontar tendências e possibilidades, sem a pretensão de fazer generalizações, por isso seu universo se limita aos estudantes que participaram da investigação nos dois colégios escolhidos.

No COLUNI, os incluídos na pesquisa têm entre 15 e 17 anos, vivem em Niterói ou São Gonçalo, em bairros de classe média ou baixa e três não moram com os pais. Poucos trabalham e se identificaram como atendente, animador de festas e músico. Nenhum possui filhos. Há predominância de afro-descendência: metade dos alunos se declara da cor preta. Seis são brancos, dois amarelos, e um, indígena. Percebe-se que muitos têm consciência sobre sua etnia e nutrem um sentimento de respeito e orgulho, o que surpreendeu positivamente a equipe de pesquisa. Apesar disso, o predomínio é das religiões cristãs-europeias – 70% do grupo.

Metade da turma não respondeu a pergunta sobre renda familiar. Quatro afirmaram que sua família recebe entre seis e oito salários mínimos, três entre dois e cinco salários, e outros três assinalaram menos de dois salários. Todos possuem computador em casa; mais da metade da turma, ar condicionado e metade, carro. Sobre a escolaridade dos pais, cinco alunos afirmaram ter pais com pós-graduação, o que indica o contato com um alto nível de escolaridade em casa. Nenhum marcou a opção de pais analfabetos ou com ensino inferior ao 5º ano do ensino fundamental.

Sobre a frequência com que ouvem rádio, metade da turma afirmou ouvir “poucas vezes ao dia”. Outros quatro, “ocasionalmente”, três, “várias horas por dia”, enquanto cinco disseram não ouvir. A preferência é pela frequência FM e as emissoras favoritas são: Mix,

O Dia, Rádio Cidade, Transamérica e MPB. As rádios Melodia FM, Globo, JB, 93 e MEC também apareceram com menos votos. Programas de gênero musical predominam, mas o estudante que trabalha como atendente assinalou quase todas as opções de programação – supõe-se que isto se deva à impossibilidade de ficar conectado à internet o tempo todo, o que torna o rádio uma alternativa viável para quem deseja se entreter e se informar enquanto trabalha.

Todos baixam música pela internet e há preferência por rádios voltadas para o entretenimento, em detrimento das rádios *all news*. Sugeriu-se, então, que os alunos da UFF responsáveis pela elaboração de novos programas de áudio para o ensino médio atentassem ao uso da música em suas produções. A plataforma favorita é o celular. Chamou a atenção o fato de quatro alunos afirmarem ouvir rádio no aparelho tradicional e a residência e o trânsito foram apontados como os lugares preferidos para a escuta. A maioria sabe o que é, porém não consome *podcast*. Outros sete nem sabiam do que se trata e apenas três ouvem *podcast*.

Para conhecer o gosto musical dos alunos e adequar as próximas produções de áudio da UFF, questionou-se sobre os estilos e artistas favoritos. A turma do COLUNI mostrou-se “ecclética”, citando 16 gêneros diferentes. Os cantores também foram os mais variados. As disciplinas favoritas são sociologia, filosofia e artes. Dos 21 estudantes, 12 afirmaram gostar de ler livros. Onze gostam de estudar história, outros dez “mais ou menos”. Entre os personagens que gostariam de saber mais, estão Carlos Magno, Mahatma Gandhi, Hitler e também têm interesse em temas ligados à África. Ainda a partir da aplicação dos questionários, percebeu-se o desejo dos alunos em ter uma rádio no COLUNI e o GRUJUV ofereceu duas oficinas para eles, em julho de 2016 e em junho de 2017. Depois, com o apoio da professora de música, os estudantes criaram a rádio do COLUNI.

No CEAL, o trabalho de campo começou em 17/10/2016, quando foi aplicado o questionário socioeconômico para identificar o perfil dos seis alunos da rádio. São todos homens com 16 a 18 anos. O fato de não haver mulheres na emissora chamou a atenção dos pesquisadores e os jovens, desconcertados, esclareceram que “as três meninas saíram”¹⁹. Os que fazem a rádio são brancos e apenas um se declara preto, mas isso não significa que este colégio tenha a maioria dos alunos de cor branca.

¹⁹ Soube-se, depois, pela direção da escola, que as atividades da rádio haviam sido suspensas por um curto prazo, em função “da necessidade de dialogar com os jovens sobre o uso exclusivo da pequena sala, próxima ao pátio da escola, para a transmissão da emissora”. Rumores de que alguns alunos ficavam namorando ali podem ter afastado as meninas.

Metade desses jovens respondeu ser cristão; eles moram em Niterói ou em São Gonçalo; todos com os pais e não trabalham. Sobre a renda mensal familiar, três não quiseram responder, um assinalou que é de 1 salário mínimo e dois de 2 salários mínimos; ninguém tem filhos. Percebe-se que o poder aquisitivo das famílias dos discentes do COLUNI é maior do que o das famílias do CEAL. O capital cultural familiar também. A maioria dos pais dos jovens do CEAL só têm o ensino médio. Esses alunos tiveram dificuldade, por exemplo, para enumerar três países do continente africano, o que não ocorreu com os do COLUNI. Todos têm computador em casa e dois, ar condicionado e carro.

Esses alunos do CEAL ouvem rádio com regularidade e têm bastante interesse no meio, mas apenas um escuta "várias horas por dia". São emissoras FM, entre elas, Nativa, Mix, O DIA, Transamérica, Cidade e MPB. O evangélico ouve a Melodia também. Além do celular, escutam no computador, no rádio do carro e no rádio tradicional; em casa e no trânsito. O gênero musical predomina, mas também gostam de programas esportivos, de humor, de notícias. Eles se ligam mais na mídia sonora do que os alunos do COLUNI.

A maioria sabe o que é, mas não ouve *podcast* e apenas um declarou consumir. Eles baixam música da internet e são ecléticos no gosto musical, com citações próximas as que foram feitas pelos alunos do COLUNI. Só dois dizem não gostar de ler livros e a disciplina de história é uma das preferidas pela "curiosidade em saber mais sobre a humanidade". Martin Luther King, Napoleão e Hitler são personagens históricos que gostariam de ter mais informação.

A partir dos questionários, oito alunos do COLUNI, com heterogeneidades identitárias e sociais, foram selecionados para as entrevistas semiestruturadas e para o Grupo focal. Nas entrevistas, esses jovens demonstraram conhecimento político, ao contextualizar opiniões sobre o momento histórico do Brasil e questionar a mídia hegemônica. Além disso, têm interesse em programas que tratem de temas atuais, como racismo, feminismo e direitos de LGBT, entre outros. Percebeu-se que esses estudantes do COLUNI têm arcabouço para que se ousasse mais nos programas de áudio e que têm necessidade de espaço para se expressarem. A partir dessa constatação, foi elaborada a série Vozes da Cidadania.

Os jovens que fazem a rádio do CEAL são menos politizados do que os do COLUNI e menos disponíveis para longas conversas. São tímidos e focados na questão musical. O espaço da rádio é o território deles, onde desenvolvem o conhecimento tecnológico com buscas e edições de áudio no computador para a transmissão pelas caixas de som do pátio do colégio, na hora do recreio.

Grupo focal com professores

Em 10/6/2016, foi organizado o Grupo focal com sete professores do COLUNI e em 24/10/2016 com cinco do CEAL, em salas de cada um dos colégios. Tanto os docentes do COLUNI, quanto os do CEAL afirmaram que os programas de áudio seriam úteis em sala de aula e gostaram do conteúdo e do formato. No COLUNI, um professor disse acreditar “no potencial para captar a atenção dos jovens, que são dispersos”.

Sobre o programa Descobrimento do Brasil, que traz o depoimento de um índio e questiona a versão hegemônica de livros didáticos, um professor de história do COLUNI sugeriu, durante a dinâmica do Grupo focal, o uso de palavras como conquistado e colonizado para refletir melhor a ideia central desse programa de áudio. A professora de filosofia defendeu a necessidade de aumentar o tempo de fala dos entrevistados e reduzir o do apresentador, prática contrária a do jornalismo mais padronizado.

A maioria gostou de os programas valorizarem o ponto de vista dos que, normalmente, são silenciados na mídia hegemônica e pouco citados nos livros. Além do índio falando do Brasil antes dos portugueses, o programa sobre o nazismo, por exemplo, dá voz a um sobrevivente de um campo de concentração e o programa sobre a África, apresenta um estudante que veio de São Tomé e Príncipe que compara seu país ao Brasil.

No CEAL, durante o Grupo focal, os professores identificaram esse material sonoro como um complemento ao conteúdo de aula. Foi explicitado que o intuito não é substituir o professor em sala - reflexão feita a partir da etapa anterior da pesquisa, no COLUNI - e que, por isso, os professores teriam autonomia para escolher a forma como utilizar o produto. Eles sugeriram programas com temas da atualidade, com assuntos cotidianos, que teriam, inclusive, um apelo para audição no pátio, a partir da transmissão da rádio escolar. “Esses programas poderiam trazer o que a gente não tem tempo para falar em sala de aula e são as questões que a gente mais deveria estar abordando”, comentou a professora de história do CEAL.

A professora de sociologia do CEAL, que participou do Grupo focal, sugeriu que os programas Descobrimento do Brasil e São Tomé e Príncipe fossem ouvidos juntos pelos alunos e convidou a equipe para assistir a aula dela no dia 20/11/2016. Foi uma oportunidade de observar como esses programas de áudio dos estudantes da UFF poderiam ser aproveitados de fato em sala de aula. Com 30 alunos agitados numa sala com acústica precária, onde o barulho de trânsito era ouvido pela janela, os dois programas foram colocados para a audição. Depois, no debate com os alunos, a professora

de sociologia do CEAL aproveitou para falar sobre a colonização portuguesa aqui e na África, sobre o processo multicultural e sobre o lugar de resistência das culturas locais parcialmente preservadas, apesar da globalização.

Nessa experiência, verificou-se a importância do professor como mediador na utilização desses programas de áudio, assim como o problema da acústica das salas de aula. Um ponto positivo é que os recursos para transmitir áudio são mais simples que os equipamentos de vídeo. Após o debate, a professora de sociologia pediu que os alunos fizessem um trabalho escrito e permitiu que o grupo de pesquisa tivesse acesso ao exercício, respondido em casa, depois que foi entregue.

Grupo focal com os alunos

Em 09/07/2016, foi feito um Grupo focal com sete alunos do ensino médio do COLUNI, no estúdio de áudio da UFF, e em 12/12/2016, com os integrantes da rádio do CEAL, na sala da emissora do colégio²⁰. Locais com boa acústica para a audição dos três programas. Entre os discentes do COLUNI, o clima foi de descontração, dançaram e se identificaram ao ouvirem o *funk* “Não foi Cabral” da niteroiense MC Carol. O mesmo ocorreu quando ouviram uma música de São Tomé e Príncipe e a sertaneja brasileira, citada pelo entrevistado africano. No programa sobre Nazismo, no trecho do discurso de Hitler, teve um que riu, mas todos ficaram sérios quando ouviram o depoimento do sobrevivente do campo de concentração. Houve silêncio quando o judeu disse que seu pai foi fuzilado e ele tinha apenas seis anos. Uma aluna suspendeu as sobrancelhas, expressando sua emoção, durante essa declaração. Depois responderam o questionário individual por escrito e houve a conversa mediada pelos pesquisadores. Todos os alunos do COLUNI e do CEAL perceberam a mensagem principal de cada programa de áudio.

Curioso o fato de vários discentes do COLUNI se referirem ao “vídeo”, quando comentavam o material sonoro e depois explicavam: “é tanto *You Tube* e *Netflix* na nossa vida”. Eles elogiaram o curto tempo de duração e se sentiram atraídos pelo formato: “não cansou”, “foi direto ao assunto, não ficam enrolando”, “interessante as músicas de cada cultura, a judaica, a africana”, “são programas animados”, “a gente até dançou, isso mexe com a gente”, “adoro a MC Carol”.

Sobre o conteúdo, destacaram que “trazem um conhecimento maior e podiam ajudar nas matérias”, “é um jeito de fugir do livro didático que é muito preso”, “gostei de discutir

²⁰ Um aluno do COLUNI que havia participado da entrevista semiestruturada e um da rádio do CEAL não vieram nos dias de realização dos Grupos de Foco.

do jeito que a gente tá fazendo aqui agora”, ”eu não imaginava o número de pessoas que tinham morrido naquele trágico momento”, “os nazistas também odiavam os negros e acabou naquele momento, mas hoje têm os *skinheads*, os galinhas verdes que são neonazistas”, “eu gostei mais do programa de São Tomé e Príncipe, eu não sabia que eram duas ilhas e que tinham tanta semelhança com o Brasil”, “o dos índios, que deu a ideia de como foram vítimas”.

Um aluno do COLUNI sugeriu programas sobre literatura: “não suportei ter que ler aquele livro, o Guarani, o rádio podia dar um motivo para a gente se interessar mais pela leitura”; outra discente comentou que ficava muito tempo no colégio: “a gente chega em casa cansada e não dá para ficar procurando o que tá acontecendo na política. Seria legal trazer informação para a escola para que a gente ouvisse algo mais imparcial, para a gente formar o nosso pensamento”. Vários reafirmaram o anseio por uma rádio no colégio e sugeriram que esses programas fossem transmitidos na emissora, além de dar “informes sobre o grêmio, sobre a reunião do coletivo negro”, ”a gente ia ter condição não só de aprender, mas também de falar”, “tem uma galera que gosta de escrever e cantar rap”, “seria bom para a gente falar sobre o que falta na sala”.

No CEAL, os integrantes da rádio foram reticentes quanto à proposta de transmitir os programas que haviam ouvido no Grupo focal para toda a escola pelas caixas de som da emissora. Defenderam que o conteúdo seria mais interessante em sala de aula e que a rádio era um “local de descontração, não de aprendizagem”. Um deles destacou: “É para ouvir música e recados sobre os eventos do colégio. No recreio, o pessoal tá mais livre, conversando”. Apesar disso, afirmaram que os programas do Nazismo e de São Tomé e Príncipe trouxeram novidades, por não terem muito conhecimento sobre esses temas. Sobre o de Nazismo, um disse: “Difícil imaginar que isso realmente aconteceu, parece cena de filme”; outro já tinha ouvido falar de neonazismo na internet. Sobre o Descobrimento do Brasil, um dos comentários foi: “Tem uma questão de preconceito, eles (os portugueses) simplesmente tiravam os índios e acabou. Isso é horrível”. Disseram não ter estudado esse episódio da história do Brasil com base no ponto de vista dos índios. O discurso dos alunos do CEAL, sobre a rádio escolar, reproduz uma visão dicotômica entre o educativo e o entretenimento. No entanto, a perspectiva de Kaplún (1978, 2017, p.25) concebe o rádio como instrumento de educação e cultura, que influencia a formação de valores e o comportamento do público, a partir de programas educativos que ”não precisam e não devem ser desinteressantes, nem programas de entretenimento que sejam

banais e vazios”. O entendimento de que a rádio escolar do recreio também tem uma função educativa é uma questão que precisaria ser melhor trabalhada nesse colégio.

Para os alunos da rádio do CEAL, o tempo de duração dos programas é ideal, principalmente por sentirem falta de imagens para prender a atenção: “O áudio é mais difícil porque você não tem onde olhar, mas, pelo menos, com os efeitos sonoros, você ouve os gritos das pessoas, a gente, sabe, a gente imagina e as músicas ficaram ótimas”.

Conclusão

Apresentou-se, neste texto, uma síntese do processo de pesquisa e do material coletado nas etapas do projeto Vozes da Educação. A análise aprofundada de todo o *corpus* da pesquisa ainda está em elaboração. No entanto, algumas pistas já podem ser enumeradas. A primeira se refere à assertividade na construção do projeto, que vinculou organicamente a pesquisa ao ensino, numa dinâmica de influência mútua, contribuindo para conectar na prática os campos da comunicação e da educação.

Cada coleta feita pela equipe da pesquisa repercutia de imediato na disciplina de Rádio educativo da graduação em Comunicação da UFF. Ao trazer um retorno para os alunos que produziam os programas de áudio, criou-se a oportunidade de reflexão a partir do ponto de vista da recepção para que esse material sonoro pudesse ser analisado e refeito, quando necessário.

Paralelamente, se aferiu, também, uma relevância social da pesquisa pela possibilidade de contribuir para fortalecer o ensino médio público, ao levar para dois colégios de Niterói o debate sobre conteúdos contra-hegemônicos que poderiam complementar, questionar e aprofundar o processo de ensino-aprendizagem a partir de programas de áudio atraentes para os jovens. Foi uma experiência de se aproveitar as potencialidades da comunicação, não só do ponto de vista tecnológico, mas principalmente pedagógico, para expandir as capacidades do processo educativo, entendido como a formação de mentalidades e conhecimentos a partir da negociação de significados, apropriados e transformados em referência cultural.

Mapear as preferências e hábitos de consumo desses alunos do ensino médio, não só em relação à mídia sonora, mas, também, na busca pela compreensão de suas heterogeneidades identitárias e sociais contribuiu para se entender o processo de apropriação da mensagem sonora, inclusive dentro da própria escola a partir da mediação de diálogo dos alunos entre si e na relação com o professor. Verificou-se como os programas de áudio poderiam fomentar o debate, mais do que serem conclusivos em si.

Em relação aos jovens, o anseio pelo vídeo já era esperado e não representou um impedimento para a captação da atenção e da mensagem sonora. Isso pode ser comprovado porque todos conseguiram responder qual a mensagem principal de cada programa. E apesar do rádio não ser o preferido entre eles, em função da supremacia da internet, constatou-se que a mídia sonora ainda possui algum espaço entre os jovens e pode ser utilizada para a construção de uma educação comunicativa de qualidade. Ao conhecer a natureza específica da sonoridade, compreendendo suas limitações e valorizando suas potencialidades, ao utilizar os recursos expressivos de sua linguagem, foi possível sensibilizar e atrair os alunos do ensino médio.

A pesquisa com esses estudantes demonstrou como a música é um idioma comum, reafirmando a categoria de signo identitário juvenil, constatada anteriormente (BAUMWORCEL, 2012). Esses jovens, principalmente os do CEAL que fazem o rádio escolar, mas os do COLUNI também, se afirmam socialmente, se expressam, se relacionam entre si, se fazem cidadãos do mundo, a partir da cultura globalizada, por meio da música. O caráter emocional da música toca em sentimentos profundos e aproxima sujeitos, apesar de suas desigualdades e diferenças.

Uma percepção que surpreendeu foi notar como a equipe da pesquisa subestimava os alunos do ensino médio, incorporando estereótipos divulgados pela mídia hegemônica. Mas, durante a investigação, observou-se que esses jovens são marcados pela cultura da mobilidade, da conectividade e da instantaneidade e pela possibilidade de escuta em dispositivos digitais. Há uma cumplicidade cognitiva e expressiva com as sonoridades, com suas fragmentações e velocidades nas quais os jovens encontram seu próprio ritmo e idioma, como se havia identificado entre universitários (BAUMWORCEL, 2012).

Sem esquecer, então, que os dispositivos de audição sonora apresentam como atração o poder de interatividade e de socialização, ao invés de pedir para os alunos do ensino médio desligarem os celulares, se sugeriu que procurassem algo relacionado ao debate, trazendo um sentido educativo para este dispositivo e o incorporando na dinâmica do Grupo de foco e na proposta de aprendizagem.

A pesquisa demonstrou que é possível por meio desses programas de áudio educativo facilitar o diálogo, a participação e a cooperação, de modo a contribuir para que professores e alunos aprendam a articular problemas comuns e a resolvê-los juntos, assim como defendem Kaplún e Saviani. O que se depreendeu é de que esse material sonoro com conteúdo contra-hegemônico, para (e com) jovens podem representar uma

possibilidade de subsídios para que eles sigam seus próprios caminhos de interpretação da realidade a partir de um repertório mais amplo e heterogêneo.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, s.d.

BAUDELLOT, C. & ESTABLET, R. **L'École capitaliste en France**. Paris: François Maspero, 1971.

BAUMWORCEL, A. **Vozes da Educação**. Projeto cadastrado. Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI-UFF), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.

_____. Polifonia juvenil: reflexões sobre mídia sonora e educação. Tese de Doutorado em Educação. Niterói: UFF, 2012.

_____. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975.

COSTA, M. E. B. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRUPPI, L. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez, 1997.

KAPLÚN, M. **Produccion de programas de radio, el guion, la realizacion**. Quito: CIESPAL, 1978.

_____. **Una pedagogia de la comunicación.** Madri: Ediciones de la Torre, 1998.

_____. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos.** Vol.II. Florianópolis: Insular, 2008.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

_____ e BARCELLOS, C. Comunicação e mediações culturais. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** v. XXIII, n.1,p.151-163. São Paulo: Intercom, 2000.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012